

Eliza Fran

Grandes Mães, Perdem Grandes Filhos

Eliza Fran

Grandes Mães, Perdem Grandes Filhos

Para você seguir a sua vida adiante, com força e coragem.

**Para Nelson Davis, Rosângela, Luidymarck, Dalila, Lavínia,
Ludymilla e Ezequiel.**

Gratidão por tê-los em minha vida.

Agradecimentos

Agradeço de coração aos meus amigos e familiares, por me ajudarem com esta obra maravilhosa. Agradeço as mães que dedicaram tempo para me passar suas dores perante o luto. Me dediquei horas e horas produzindo esta obra, com gratidão e carinho.

Espero que neste livro, todas as mães e pais que estão de luto, possam encontrar refrigério e forças para continuar sua missão aqui na Terra. Eu estou passando neste livro minhas experiências de dor após a partida de meu filho Luidymarck. Agradeço imensamente à minha filha e coautora do livro, Dalila, por ter escrito a última história. Gratidão.

PRÓLOGO

Este livro é dedicado a todas as mães que perderam seus filhos amados, assim como eu. Contarei minha luta desde o início, com o surgimento da doença, até o dia de sua morte. Estarei colocando minha luta e minha superação neste livro. É com muita dor que venho contar o tempo vivido por meu filho, Luidymarck, que faleceu aos 14 anos. Saindo deste mundo terreno para o plano espiritual, deixando-me com muita dor e um vazio enorme em meu coração.

A saudade será eterna, até Deus me chamar para o mundo espiritual, para o outro lado da vida. Pois, só há vida, não há morte, apenas do corpo físico, porque, aqueles que amamos, permanecem vivos conosco em nossas lembranças. É apenas uma breve partida, pois precisamos aprender a conviver com a dor, em razão que tudo que tem vida, um dia morre. Devemos ser fortes, pois onde há começo, há fim.

Saberemos um dia o motivo de tamanha dor, enquanto isso, nós, mães que perdemos nossos filhos, devemos nos aproximar da luz de Cristo, para refrigério da nossa alma. Que nós consigamos ser fortes, sem duvidar, e crendo que há um lugar, que um dia iremos encontrar os nossos filhos; que nós tanto amamos.

Capítulo I

A HISTÓRIA DO MONGE

Havia em uma cidade pequena uma mulher de nome Julia, que tinha apenas um único filho, de nome Luís. Esta mãe amava muito seu filho, e vivia repetindo para todos que a conheciam. A frase era sempre a mesma:

— Meu filho é minha razão de viver. Eu o amo muito.

Certo dia, Julia procurou um monge, pois desejava se tornar uma pessoa melhor. O monge então perguntou a ela:

— Qual o significado da sua vida?

A mulher tinha a resposta na ponta de sua língua, então respondeu:

— O sentido da minha vida é meu filho. Por ele, luto, acordo todas as manhãs e sou o que sou.

O monge ouvindo a resposta indagou à moça:

— Me diga uma coisa; e se por ventura, seu filho morrer? Qual será o sentido da sua vida?

A mulher ficou muda, ainda não havia pensado nisso. Era tão assustadora a ideia de perder seu filho, que ela sequer cogitava tal hipótese. O monge então prosseguiu dizendo à moça.

— Se você faz de algo, ou alguém, a sua razão de viver. O sentido, ou o significado, no caso, de você perder isso, você perderá todo o sentido de sua existência e sua razão de viver. Ninguém pode fazer do outro o seu motivo de vida, caso isso seja retirado, nossa vida perde o sentido e, tudo à nossa volta se torna ruínas. Segue-se num profundo vazio existencial. Você mesma deve ser seu sustentáculo, e não algo ou alguém externo a ti, por mais importante que isso seja. O sentido da vida é a própria vida. Viva por você. Viva por sua

própria vida e não por outros motivos, seja ele qual for.

QUAL É A SUA SUSTENTAÇÃO?

Se você perdeu o chão quando alguém foi embora, te abandonou. Isso significa que você estava fazendo dessa pessoa, o seu chão. O seu sustento emocional. Se você se sente perdido e desorientado quando suas crenças se revelam falsas, isso significa que você estava tomando suas crenças como a orientação base de sua vida.

Se você se sente desanimado, sem vontade de fazer nada, por ter perdido algo; isso significa que você estava fazendo deste algo, seu ânimo, a sua vontade de viver. Se você não consegue mais seguir sua vida depois desta perda, isto diz que; o que fazia você seguir sua vida, era este algo perdido. Devemos mesmo fazer das coisas, e pessoas o nosso sustento emocional? O nosso ânimo? A nossa referência? A nossa vontade de viver? Devemos mesmo fazer algo ou alguém a nossa capacidade de seguir em frente?

Não tome coisas, pessoas e crenças como a base de sua vida. Não tome como seu alicerce; como seu pilar; como seu chão; como sua orientação; como seu ânimo; como sua vontade de viver. Quantas vezes você já perdeu algo que te dava alegria sem conseguir recuperá-la? Valerá a pena colocar nossas vidas nas mãos de outros? Nas mãos de alguma coisa? Nas mãos de dinheiro, ou nas mãos de alguma crença, ideia ou doutrina?

Não valerá você perder seu chão, a sua base. A sua referência fica perdida e sem vontade de seguir em frente. Quando nada mais for seu sustento, você será sustentado pelo infinito, pela eternidade e, dessa forma, serás feliz para sempre.

O APEGO

Quanto mais você se apegar à uma pessoa, mais você sofrerá com sua partida. Quanto mais você se apegar a algum bem, mais você sentirá falta quando o perder. Quanto mais você se apegar à sua aparência, mais você sofrerá com o envelhecimento. Quanto mais você se apegar à algum objeto, mais vazio você ficará quando isso for embora. Quanto mais você se apegar à um dogma, mais você sofrerá por descobrir que essa suposta verdade é falsa.

Quanto mais você se apegar à uma situação, mais você deixará de viver outras situações que poderiam ser proveitosas. Quanto mais você se apegar a um sentimento – como raiva ou mágoa –, mais você irá repeti-lo dentro de ti, e mais esta emoção te dominará. Quando uma situação nos proporciona um prazer repetido, isso poderá gerar um apego que funciona como um alicerce psicológico em nossas vidas.

Aquele que se apega facilmente, faz sua vida depender do objeto de seu apego. Apego é o caminho mais fácil; gera conforto, estabilidade, e nos dá uma *base algo* para nos segurar. Mas se trata de uma base falsa, pois tudo que existe, um dia terá seu fim. Dito que nada se mantém eternamente. Aquele que não imagina sua vida sem algo ou alguém, está seguindo rumo à infelicidade.

Nos apegamos a pessoas, a coisas, a situações, a ideias, e até mesmo, a emoções. Mas o maior apego é sobre nós mesmos. Não queremos morrer, não queremos nos perder. Não queremos ser esquecidos. Aumentamos ao máximo nosso ego, para ter uma certa sensação de que continuaremos existindo. Tudo ao que nos apegamos, temos medo de o perder. E o medo paralisa nossa vida, nos atrasa, nos prende, nos desequilibra.

O apego é um dos maiores inimigos dos seres humanos. Ele sempre nos escraviza, e nos submete ao apego. Muitas vezes dizemos: "Não posso viver sem isso, não posso viver sem aquilo". Quando nos apegamos a algo, sempre

precisamos de mais, e nunca estamos satisfeitos. Quem se apega à uma pessoa, quer sua presença a todo momento, e não consegue viver sem ela.

Quem se apega, quer de alguma forma, uma carência ou uma ausência dentro de si mesmo. Mas é inútil, pois nossos apegos nunca poderão nos preencher. A fé, na vida, é com efeito oposto ao apego. Quem tem fé, não se apega a nada. Quem tem fé não precisa de coisa alguma para se completar emocionalmente. Aquele que coloca muitas coisas ao redor de uma lâmpada, acaba abafando seu brilho.

Libere totalmente sua lâmpada, sua chama interior de tudo que abafa sua essência, assim, você brilhará livremente. Renuncie todos os seus apegos. Deixe de lado tudo que lhe prende. Não há outro nome, isso se chama liberdade. Aquele que vive desprendido de tudo, sem dependências, sem vícios, necessitando do mínimo possível, este, é mais feliz e não leva a vida uma vida infeliz quando perde alguém para a morte, coisas ou o que o tempo consome.

A MORTE

A morte nada mais é que um sono profundo, onde o corpo sem a alma se torna apenas uma vestimenta como qualquer outra. Como se fosse um boneco, apenas massa. A partir do momento que o espírito sai do corpo, se sucede a morte. Para mim, a morte é apenas uma viagem, uma passagem para o outro lado da vida. Quando nós nascemos neste mundo, recebemos certidão de nascimento, com dia e hora marcada. Assim se dá com a morte, quando morremos, recebemos a certidão de óbito, assim como na vida, com dia e hora marcada. Pensamos agora; tudo que nasce, morre. É a lei divina.

Temos que aprender a conviver com a ausência do corpo físico. Somos chamados para o outro mundo, como quer dizer: O céu, o Plano Espiritual. Cada ser humano tem uma crença a respeito do dia da morte, mas todos acreditam que existe vida após a morte do corpo físico. Seja de qualquer religião; evangélica, católica, espírita, hinduísta ou budista. Todos vão para o mesmo lugar. Eu, em particular, acredito que exista vida após a morte do corpo físico. É uma opinião minha. Quando somos chamados para deixar a terra, existe uma programação para todos nós. Antes de vir para este plano, e após voltarmos para o outro lado da vida.

Acredito na grandeza de Deus, que um dia a dor da perda cesse, e todos nós encontremos aqueles os quais amamos aqui na terra. Vejo a morte como um amigo querido que irá viajar para outra cidade, e que fica aquela saudade esperando pelo reencontro. A morte não é o fim, é apenas o começo para uma outra vida.